



## Entulhos

---

Maria Beatriz Del Peloso Ramos

Com os dezesseis assentos ocupados a van partiu lotada. O carro fechado, cheio de poeira e sem ar condicionado, fez com que a moça começasse a espirrar sem o cuidado de tampar a boca com a mão, para não jogar perdigotos nos passageiros. O senhor de terno sentindo-se desconfortável na última cadeira do canto, apertado às ferragens da janela, reparou que o rapaz de tênis fosforescente sentado perto da porta, tinha a seu lado uma CPU e monitor apoiados num assento e, com certo tom indignado, perguntou-lhe se não queria trocar os aparelhos de lugar, colocando-os na última cadeira. O rapaz respondeu-lhe que havia pago pelos dois lugares juntos para segurar o computador, a fim de que não escorregasse durante a viagem. Na segunda fila, um fortão de boné e sandália de borracha roncava alto e caía, toda hora, em cima do ombro de uma senhora que o empurrava com um estratégico “sai pra lá”, desviando-se dele com crescente irritação.

No banco da frente, o motorista falava simultaneamente no celular, beijava a namorada e ouvia as propostas que um pretenso sócio lhe fazia sobre as vantagens de abrirem um depósito de água mineral e gelo.

Sexta-feira de tráfego parado e o cobrador da van, gordo de bermuda estampada, sentado num banquinho espremido entre a porta e a cadeira, reclamava do sufoco que sofria em todas as viagens. Devido ao calor abafado, o garoto com o skate entre as pernas, que havia entrado na van comendo coxinha de galinha, começou a enjoar e, depois de aceleradas e freadas, foi ficando pálido e, de repente, num jorro só, vomitou; quem conseguiu se entortar rápido, evitou receber respingos.

- Dengue, gripe suína, febre aftosa, tudo se pega na van, até vômito desse desgraçado infeliz, - alguém blasfemou.

-Deixa de ser ignorante, cara, febre aftosa só dá em vaca, e em vaca louca da Austrália.

O fortão de boné continuava roncando tranqüilo, e toda hora caía no ombro da senhora que reclamava: - não agüento mais este sujeito perto de mim, sou uma mulher de respeito, vê se te apruma, rapaz. Para distrair a senhora, já muito nervosa, o velho puxou conversa : - mora em Cordeirinho? Não? Eu moro; desde que aquilo lá era só matagal. A senhora não é parente dos Gonçalves não? Se parece muito com o pessoal deles. Pois é, naquele época, em Cordeirinho, quando alguém morria, a gente tinha que construir depressa o caixão de tábuas, e carregar o defunto até a cidade para encomendar o corpo e enterrar. Mesmo quando o finado Zé Gonçalves, o agiota, morreu foi assim; e durante a procissão de enterro, enquanto a viúva chorava, só se ouvia o barulho de foguete e o pessoal rindo porque a dívida dos empréstimos estava indo com ele, no caixão; foi foguetório e cachaça a noite toda. Mas agora, Cordeirinho está muito bom de se morar, melhorou muito, tem de tudo, até oculista. A senhora precisa ir lá.

De repente, um latido esganiçado dentro da van. A cabecinha da miniatura pincher sai de dentro da bolsa, e olha as dezesseis almas socadas no carro velho, indo para casa, no meio da noite. – Fica quietinha, Iscárlete, não late não,- disse a namorada do motorista para a cadelinha acomodando-a na mochila.

Impaciente com o tráfego, o motorista tentando, na sua esperteza, ganhar tempo se desviou por um atalho para cortar caminho. Na frente, foi parado pela blitz da Polícia Militar com viaturas atravessadas na pista e metralhadoras em punho: - Qual é sua rota motorista?, perguntou o policial.

-Rodovia Amaral Peixoto.

-Positivo, então pode fazer o retorno, e pegar pela alameda novamente. Por aqui a via está interditada.

O motorista deu meia volta, e retomou o trajeto seguindo o engarrafamento. Quando alcançou a rodovia, afundou o pé no acelerador, começou a costurar, a ultrapassar o limite de velocidade até cortar, pela direita, uma Patrulha Rodoviária. Minutos depois, a sirene soou atrás da van, intimando-a a parar. Encostou o carro no acostamento, e os patrulheiros entraram para revistar os passageiros. A mulher com a sacola grande no colo pediu que não fosse revistada porque levava vários tupewears com comida congelada, sobras da casa da patroa, e não queria abrir as marmitas molhadas por causa do degelo.

No retão, a van freou de súbito, numa sacudida violenta quando avistou um bode enorme atravessado na agulha da mureta divisória da estrada, entre uma pista e outra; o motorista buzinou insistentemente perto dele para que andasse e entrasse logo no mato.

- Bode é azar na certa, ainda mais na sexta-feira...

- Que nada, toda semana faço uma fezinha no jogo do bicho, no 21, 23, 27, 28, tudo na cabeça, cabra, carneiro.

-Pé de cabra fendido no casco, se for preto então, é pé do coisa ruim...

Depois do trevo, um colega do motorista com uma gaiola na mão e suado fez sinal pedindo carona, e entrou ficando acorocado, posição que desagradou os passageiros pelo paredão que seu corpo fazia esbarrando em todos, o que provocou forte discussão.

Quase na curva, o motor começou a ratear e só houve tempo da van sair da estrada e pegar o acostamento até parar enguiçada, num recuo que se abria para uma estradinha de terra.

-É isso aí, pessoal, vamos dar uma descidinha, ajudar a empurrar um pouco mais para dentro e esperar por outra van; eu avisei na cooperativa que o carro precisava fazer revisão, não quiseram parar de rodar, agora está todo mundo ferrado.

O chão era lama pura. A mulher da comida congelada olhou as poças enormes e disse que não sairia do carro; se quisessem que empurrassem com ela dentro; não podia pisar na lama porque a sandália era nova, não ia estragá-la no atoleiro. O homem, ao lado do dono do computador, também se recusou, dizendo que era aleijado de uma perna, encostado pelo INSS e não ia se arriscar fazendo esforço.

Tarde da noite, a estrada envolta pela escuridão, e as vans passando lotadas. A mulher sem se levantar, abriu uma caixa de plástico com bolinhos de arroz, e ofereceu aos passageiros que, mortos de fome, aceitaram banqueteadando-se.

Da estradinha de terra, veio surgindo de longe, um foco de luz fraca, parecendo lanterna que alguém carregava, em direção à rodovia. Todos olharam e identificaram o farol baixo de uma Kombi velha, aberta na lateral sem uma porta, que tinha acabado de deixar sacos de entulho no alagado, lá para dentro. A Kombi parou, percebeu a situação e fez sua oferta:

-Quem quiser ir comigo, tô cobrando dois real por saco.

-Dois reais?

-Dois real.

-Dois reais!

Dois real. De um a nove eu cobro real; só quando entra no dez, aí eu cobro reais.  
Carrego entulho e gente, é tudo igual. Vai?